

EVOCÇÃO DE J. V. PINA MARTINS
(NA MISSA DE 30.º DIA, NA IGREJA DAS MERCÊS,
A JESUS, A PAR DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA)

Antes de procedermos à “Oração dos Fiéis”, a convite do presidente desta celebração de sufrágio, é-me grato dizer umas palavras muito breves em memória de José V. de Pina Martins, que nós hoje, esquecendo todos os títulos académicos, chamamos “nosso irmão”.

Foi um exemplo de vida e, sobretudo naquilo que diz respeito ao que quis ser, um modelo de professor. Os professores lidam com uma arma que se chama a Palavra: é a palavra o que mais usamos nos vários tempos; sobretudo pertence-nos o exercício do poder da palavra contra a palavra do poder que não respeita os valores que se professam. Ele nisso foi absolutamente exemplar e, curiosamente, dedicou a vida ao que chamou o refúgio da sua biblioteca para o convívio com todos os que, ao longo do tempo, foram enriquecendo a nossa circunstância com o poder da palavra contra a palavra do poder que se desvia dos valores.

É por isso que, independentemente da fé que cada um de nós professe, o homem que tem esta vida está sempre no meio de nós: temos de recorrer sempre a ele. Está nas estantes onde estão os livros que escreveu; está nas estantes onde estão os livros que recolheu; está na memória dos discípulos; está na aprendizagem que proporcionou aos colegas; está no enriquecimento das instituições que serviu.

Naturalmente, dessas instituições destaca-se a Academia das Ciências. Ora, o milagre das instituições é que o tempo passa, os homens morrem e as ideias passam de mão em mão, persistem para além dos tempos. É isso que lhes dá unidade. As Universidades e

as Academias são o exemplo das instituições. Também sabemos que as instituições, hoje em dia, sofrem grandes crises, e a firmeza da fidelidade à instituição é fundamental, para ultrapassarem essa circunstância, para que passem de geração em geração.

Ele deu esse exemplo. E, se nós hoje temos aqui uma representação tão rica da Academia das Ciências, é porque sabemos dessa responsabilidade. É que sabemos que a palavra dele ficou; e também ficou a obrigação, que é dever, de continuar o exemplo dele.

Considero que a nossa vinda aqui hoje, além dos preceitos da fé, além da confissão da fé, é também de agradecimento pelo legado que nos deixou e que é parte do dever que nós cumprimos, sabendo que continuará connosco.

Por isso continuará com a sua família e continuará com aqueles que, de geração em geração, o vão encontrar na palavra que ficou escrita – a traçar o caminho, a definir os valores, a ajudar nas nossas dúvidas e também a fortalecer as nossas esperanças. ADRIANO MOREIRA